

Casas da Misericórdia: um contributo para o conhecimento e valorização do património da saúde em Portugal

Houses of Mercy: a contribution to the knowledge and valorization of health heritage in Portugal

Joana Balsa de Pinho

Investigadora, CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, FLUL, Portugal; ARTIS – Instituto de História da Arte, FLUL, Portugal

Resumo

As Confrarias da Misericórdia, instituídas para cumprir as Obras de Misericórdia, constituíram-se, no domínio da sua atividade, como importantes promotoras de diferentes manifestações patrimoniais com características próprias. Neste contexto, destaca-se a arquitetura promovida pelas confrarias da Misericórdia para servir de suporte à sua atividade.

Estes edifícios foram sempre estudados no contexto da arquitetura religiosa, dado o peso, histórico e atual, da igreja no âmbito dos edifícios-sede destas confrarias. No entanto, após a investigação que realizámos para a nossa tese de doutoramento, analisando quase duas centenas de edifícios e diversos fundos documentais das Misericórdias, é possível propor um novo paradigma interpretativo para estes edifícios, definindo a sua complexidade e identidade enquanto conjuntos edificados – a Casa da Misericórdia, e enquadrando-o no âmbito da arquitetura assistencial. Desta forma, ao redefinirmos conceptualmente o objeto de estudo e ao recenrar as questões de análise, podemos contribuir para a valorização deste património arquitetónico e dar um contributo para a consolidação do campo de estudo da história e património da saúde.

Palavras Chave:

Arquitetura, património da saúde, Casa da Misericórdia.

Abstract

The Confraternities of the Mercy (Misericórdias), established to carry out the 14 Works of Mercy, constituted, in the field of their activity, important promoters of different patrimonial manifestations with their own characteristics. In this context, the architecture promoted by the Misericórdias to support their activity stands out.

These buildings were always studied within the framework of religious architecture, given the historical and current influence of the church within the headquarters buildings of these confraternities. Based upon the research for our doctoral theses, analyzing almost two hundred buildings and several archival collections of the Misericórdias, we propose a new interpretative paradigm for these buildings, defining their complexity and identity as built ensembles – the House of Mercy (Casa da Misericórdia), and framing it within the scope of assistance architecture. By redefining conceptually the object of study and refocusing the questions of analysis, we can contribute to the valorization of this architectural heritage and contribute to the consolidation of the history and heritage of health as a field of study.

Key Words:

Architecture, health heritage, House of Mercy.

1. Confrarias da Misericórdia

As Misericórdias são confrarias de leigos que se organizaram sob a invocação de Nossa Senhora da Misericórdia com objetivos assistenciais, incluindo o acolhimento e tratamento de doentes. Estas confrarias, cuja primeira fundação ocorreu em 1498, em Lisboa, tornaram-se as mais importantes confrarias portuguesas da Época Moderna devido à sua rápida difusão por todo o país e além-mar, beneficiando do apoio da coroa. [1, 3, 4] Estas confrarias constituíram-se, no domínio da sua atividade, como importantes promotoras de diferentes manifestações patrimoniais, com características próprias que se relacionam com a sua natureza assistencial, com as suas devoções e com as dinâmicas quotidianas confraternais. [3] Por isso, quando percorremos os variadíssimos espólios artísticos de Misericórdias, onde se incluiu a arquitetura, podemos considerar que, vistos no seu conjunto, possuem uma identidade própria, que confirma a necessidade de construção, individualização e afirmação de uma identidade institucional, que se queria diferente das outras instituições religiosas e seculares. [3]

2. As Misericórdias e a arquitetura

As Misericórdias, instituídas para cumprir as 14 Obras de Misericórdia, ou seja, com uma vocação eminentemente prática, de cariz assistencial, necessitavam de um espaço construído que servisse de suporte à sua atividade. Logo após a fundação, as Confrarias da Misericórdia tiveram a preocupação de dispor de um espaço construído que lhes garantisse a implementação da sua proposta caritativa e devocional. Esta, que foi uma das suas primeiras preocupações, era visível no *Compromisso*, mas também em outra documentação coeva e num movimento de ocupação de edifícios preexistentes, que ocorreu em todo o país, após a instituição de cada uma das Misericórdias. [3] Raramente a instituição de uma Misericórdia coincidia com a construção de um edifício. Na maior parte dos casos que foi possível identificar para o século XVI, das c. 260 confrarias da Misericórdia fundadas neste período, c. 26%, ou sejam 66, ocuparam inicialmente um edifício preexistente e que não foi construído para acolher a confraria e a sua atividade; neste contexto, alguns edifícios hospitalares, de origem medieval, estão relacionados com a génese destas confrarias. [3] Só mais tarde, e não em todos os casos, as Misericórdias promoveram uma construção de raiz com essa finalida-

de ou procederam a obras profundas de remodelação dos edifícios ocupados.

3. A Casa da Misericórdia: um novo paradigma interpretativo

Neste contexto, queremos destacar a “Casa da Misericórdia”: a arquitetura de iniciativa caritativa, incluindo o apoio e tratamento de doentes, construída de raiz com uma finalidade assistencial, mais relevante durante a Idade Moderna em Portugal.

Casa da Misericórdia, expressão coeva generalizada na documentação de inúmeras Misericórdias espalhadas pelo país, é a terminologia que melhor define a realidade arquitetónica promovida por estas confrarias, adaptando-se perfeitamente ao conjunto coerente de vestígios que podemos atualmente visualizar e analisar. Enquanto conceito e prática arquitetónica, consubstancia uma nova forma de entender os edifícios promovidos pelas Misericórdias, respeitando a sua identidade patrimonial.

Dada a função para que foram instituídas, as Confrarias da Misericórdia tinham necessidade de um edifício que associasse vários espaços: um espaço onde assistir os doentes e peregrinos – hospital ou enfermaria; um outro de cariz religioso onde realizar as celebrações litúrgicas – igreja; um local onde os irmãos oficiais se pudessem reunir – casa do despacho. E ainda outros locais que foram surgindo à medida que a atividade da confraria foi crescendo e se foi consolidando: cartório/arquivo, casa das tumbas, cemitério, entre outros. [3]

Convém esclarecer que as Casas da Misericórdia podiam ser mais ou menos complexas e corresponder ou não a um projeto unitário. Um importante fator que contribuiu para que esta realidade fosse tão díspar foi o facto de muitas Misericórdias anexarem hospitais já existentes e com instalações próprias, em muitos casos distantes da Casa da Misericórdia. Nestas situações, o hospital era um edifício autónomo e não integrava o conjunto arquitetónico, facto que vai condicionar as suas características arquitetónico-artísticas. [3]

Convém ainda referir que quando as Casas da Misericórdia quinhentistas dispunham de espaços de saúde, estes caracterizam-se por serem subsidiários de uma tradição tardo-medieval, evidenciada nas suas reduzidas dimensões, na simplicidade das acomodações e na multiplicidade funcional. Todavia, a partir dos séculos XVIII e XIX, com a alteração das práticas médicas, muitos espaços quinhentistas com funções hospitalares foram remodelados e em algumas Casas da Misericórdia, durante este período, o espaço

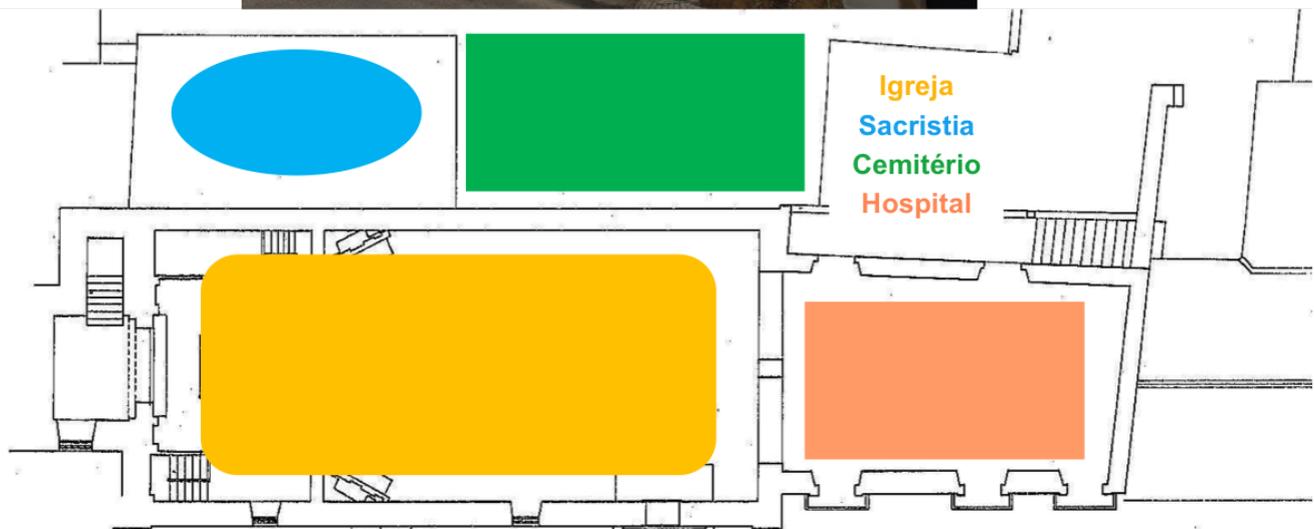


Figura 1 - Casa da Misericórdia de Benavente (2.ª metade do século XVI): fachada principal exterior e planta com a indicação dos diferentes espaços.

hospitalar ganha dimensão e até alguma autonomia arquitetónica, designadamente uma entrada e uma fachada independentes (embora mantendo-se no conjunto Casa da Misericórdia).

Também, para a mesma cronologia, algumas Misericórdias fizeram construir hospitais de raiz, enquanto edifícios independentes, mais adaptados aos postulados higieno-sanitários e biomédicos e aos princípios de funcionalidade e racionalidade do positivismo e cientificismo oitocentistas, nomeadamente à crença de que o próprio hospital era um instrumento de cura.

Na Casa da Misericórdia cada espaço era considerado elemento de um mesmo conjunto, assim não faz sentido a utilização das designações: “igreja da Misericórdia”, “igreja e hospital”, “igreja e consistório”, “igreja e anexos”, expressões comumente aplicadas aos edifícios das Misericórdias, consubstanciando uma interpretação distinta dos edifícios promovidos por estas confrarias, e que têm uso generalizado em monografias, roteiros turísticos, inventários patrimoniais e até trabalhos académicos. [3]

São vários os motivos porque estas nomenclaturas se consolidaram e permanecem em uso. O primeiro que queremos destacar é o modo como a investigação tem sido feita até ao momento. Os estudos mais aprofundados são quase sempre monográficos, relativos a uma confraria concreta, e os estudos regionais demasiado específicos não permitindo uma visão de conjunto e uma generalização dos conceitos.

Outro aspeto fundamental remete para as intervenções que os edifícios foram sofrendo, desde alterações arquitetónicas, acrescentos e demolições que, poupando as igrejas, lhes atribuíram uma configuração diferentes da primitiva. Perdendo-se a memória da função assistencial e administrativa, o que sobressai é a função religiosa, pelo sagrado da sua natureza e pelo estatuto alcançado por esta categoria de edifícios.

Este tipo de referências, que olha para os edifícios das Confrarias da Misericórdia e individualiza cada um dos espaços que o compõem, não corresponde à realidade arquitetónica das Misericórdias, quer ao nível do modo

como os edifícios são concebidos e organizados, como da consciência que existia sobre estes espaços e que está expressa na documentação coeva; funcionalmente não existe uma hierarquia dos espaços, embora se possa considerar a existência de uma hierarquia simbólica, onde se destaca a igreja, com repercussões arquitetónicas. Esta consciência de conjunto era reforçada por ligações funcionais entre os vários espaços existentes no interior dos edifícios e pela conceção volumétrica homogénea do conjunto edificado. [3]

Optar pela designação “Casa da Misericórdia” não constitui um desprestígio para os edifícios das Santas Casas, mas antes a promoção da sua individualidade patrimonial, embora estejamos conscientes de que implica a mudança de um paradigma.

A Casa da Misericórdia caracteriza-se, igualmente, pela ausência, em muitos dos edifícios primitivos, de elementos que a identifiquem num âmbito tipológico concreto, nomeadamente como edifício religioso, e pela exibição de uma lógica de arquitetura civil na organização das volumetrias e fachadas exteriores que inclusivamente contraria esta classificação. [3]

Habitualmente, e porque se opta pela visão individualizadora, consideramos a arquitetura produzida pelas Misericórdias como arquitetura religiosa; efetivamente em muitos casos o que resta ou se destaca do conjunto é a igreja. No entanto, a existência de uma igreja no contexto dos edifícios das Misericórdias deve ser encarada no âmbito assistencial, ou seja, as ações religiosas e culturais promovidas por estas confrarias e que tinham como cenário a sua igreja integravam-se no foro do cumprimento das obras de Misericórdia, nomeadamente “enterrar os mortos” e “rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos”. Assim, a classificação tipológica que melhor se adapta à Casa da Misericórdia, dadas as suas características, é a de arquitetura assistencial e sub-tipologicamente, arquitetura da saúde; pois, um edifício por integrar uma capela não passa a ser considerado automaticamente como arquitetura religiosa. [3]

4. Considerações finais

A leitura da documentação quinhentista referente às Misericórdias, a visita a mais de duas centenas de edifícios pertencentes a estas confrarias e a análise e cotejo de plantas, da organização espacial e dos elementos arquitetónicos existentes, possibilitaram-nos um entendimento da arquitetura das Misericórdias diferente do exposto até ao momento pelos autores que abordaram esta temática.

Assim, propomos o conceito “Casa da Misericórdia”, como novo paradigma, para a compreensão dos edifícios promovidos pelas Confrarias da Misericórdia no contexto da sua atividade caritativa e que consubstanciam a arquitetura construída com uma finalidade assistencial mais relevante durante a Idade Moderna em Portugal.

A Casa da Misericórdia pode ser definida conceptualmente por um conjunto arquitetónico composto por vários espaços essenciais ao desenvolvimento da atividade assistencial, incluindo a relacionada com a saúde, promovida pelas confrarias da Misericórdia e à própria gestão e quotidiano das confrarias.

O conhecimento, divulgação e valorização do património arquitetónico e dos espólios artísticos das confrarias da Misericórdia, incluindo o respeito e a promoção da sua especificidade artística, merecem uma atenção redobrada. Desta forma, redefinindo conceptualmente o objeto de estudo e recentrando as questões de análise, podemos contribuir para a valorização deste património arquitetónico e dar um contributo para a consolidação do campo de estudo da história e património da saúde.

Agradecimentos

Texto realizado no âmbito do projeto de investigação «Hospitalis - Arquitetura hospitalar em Portugal nos alvares da Modernidade: identificação, caracterização e contextualização (PTDC/ART-HIS/30808/2017)», financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Bibliografia

1. Paiva JP (coord.). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. 9 vols. Lisboa: CEHR-UCP, União das Misericórdias Portuguesas; 2002-2011.
2. Moreira R. As Misericórdias: um património artístico da humanidade. In: 500 Anos das Misericórdias Portuguesas: solidariedade de geração em geração. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias; 2000.
3. Pinho JB de. As Casas da Misericórdia: confrarias da Misericórdia e a Arquitetura

quinhentista portuguesa [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa: Lisboa; 2012.

4. Sá IG. As Misericórdias portuguesas de D. Manuel I a Pombal. Lisboa: Livros Horizonte; 2001.

5. Silva NV (coord.). *Tesouros artísticos da Misericórdia do Porto*. s.l.: Comissão para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, Santa Casa da Misericórdia do Porto; s.d.

6. Sousa, IC de. *V Centenário das Misericórdias Portuguesas*. s.l.: CTT; 1998.